

NOTA EDITORIAL

A *Revista de Estudos do Discurso*, REDIS, é um projeto editorial do Centro de Linguística e da Faculdade de Letras, da Universidade do Porto, em parceria com a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É uma publicação anual sujeita a *peer review*, que reúne trabalhos no domínio dos Estudos Linguísticos do Discurso, com diferentes linhas teóricas e metodológicas, decorrentes da própria complexidade do objeto *discurso* e das abordagens que o mesmo suscita.

O presente volume conta com 12 artigos que espelham bem esta diversidade.

Recorrendo a teorias que relacionam identidade cultural, língua e discurso, o artigo de Innocent Abubakar, intitulado *As línguas vernaculares e a identidade cultural em Literatura Moçambicana de Língua Portuguesa: o encontro de vozes entre Paulina Chiziane e Mia Couto*, analisa as situações de comunicação em que nos romances *Ventos do apocalipse* e *O outro pé da sereia* se recorre a vocabulário de línguas vernaculares para referência a realidades socio-culturais moçambicanas que a língua portuguesa não transmite de forma adequada. Segundo o autor, o uso da língua portuguesa no contexto multilingue moçambicano gera uma situação em que as línguas vernaculares maternas reforçam o discurso da Literatura Moçambicana em Língua Portuguesa.

Rodrigo Acosta Pereira e Amanda Maria de Oliveira, em *Análise dialógica do discurso: apontamentos de/para pesquisa no Brasil*, sistematizam algumas das investigações e das questões fundacionais da Análise Dialógica do Discurso (ADD), dos escritos de Bakhtin e o Círculo, no campo de estudos discursivos brasileiros. Salientando a relevância deste mapeamento, os autores visam, através dele, contribuir para a consolidação da ADD como perspectiva de estudos frente a outras abordagens discursivas.

No artigo *Discurso e pré-construídos no periódico brasileiro Em Aberto (1985): modos de funcionar de uma memória discursiva*, os autores Hildete Pereira dos Anjos, Sílvia Alícia Martínez, Vinícius de Moraes Monção e Francine de Souza Machado, usando categorias de análise como “pré-construído”, “encaixe sintático” e “discurso transversal” (Indursky, 2011), estudam a forma como as questões educacionais são abordadas em quatro números do periódico governamental brasileiro *Em Aberto*. Datados do ano de 1985, estes textos, que viriam a estar na base do Capítulo sobre Educação na Constituição Brasileira de 1988, evidenciam, segundo os autores, uma interdiscursividade própria do período histórico em que se ancoram.

Paloma Bernardino Braga e Daniel Martins de Brito, em *O estabelecimento de relações de discurso como manobra discursiva no processo de gestão de faces e territórios em uma entrevista jornalística*, investigam, a partir de uma entrevista da *Folha de S. Paulo*, de 2019, ao prefeito do Rio de Janeiro, Marcello Crivella, de que forma as relações de discurso interativas (argumento, contra-argumento, reformulação, preparação, entre outras) atuam no processo de gestão de faces e territórios (processo de figuração) bem como na negociação de imagens identitárias entre entrevistadora e entrevistado.

O artigo *Algumas considerações sobre a produção e a aceitação de formas dos paradigmas vós/vocês após inquérito a estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, da autoria de Marcela Faria, revisita o debate sobre os paradigmas de vós/vocês, em português europeu, expondo os resultados de um estudo sobre o uso e a aceitação de formas linguísticas destes paradigmas num grupo de estudantes do Ensino Superior. Os dados recolhidos revelam algumas tendências interessantes, tais como: uma taxa de uso superior de vós, embora vós seja associado a usos mais corteses, a falantes mais velhos e de uma zona geográfica delimitada; a manutenção de *convosco* sobre *com vocês* e a tendência para a produção e aceitação de construções com verbos na terceira pessoa e determinante possessivo na quinta pessoa.

Os autores Janaica Gomes Matos, Mário Junglas Muniz e Sarahn Maria de Sousa Pereira, em *A repetição como estratégia retórico-manipulativa no texto de Autoajuda*, identificam e

discutem, na perspectiva sociocognitivo-discursiva, as marcas da repetição no texto de autoajuda, para avaliar os seus efeitos na construção de sentidos manipulatórios e na mobilização do *pathos*. Para tal, os autores selecionam categorias como as da paráfrase a par de outras es-tratégias de repetição na sequenciação dos capítulos das obras, como os paralelismos sintáticos e as reiteraões lexicais e sonoras.

Rivanda Medeiros, no estudo *A formação discursiva e a construção do ethos no discurso de vitória de Kamala Harris*, analisa o discurso de celebração proferido por Kamala Harris, a 8 de novembro de 2020, na sequência da vitória eleitoral que confirmou a sua ascensão a vice-presidente dos Estados Unidos da América. Nesta análise, a autora passa em revista as estratégias discursivas usadas por Harris para a construção de um ethos de credibilidade.

No artigo intitulado *A emergência climática é uma guerra ou estamos descolonizando o sistema? O enquadramento de metáforas conceituais no discurso da emergência climática*, Camila Belizario Ribeiro estuda um corpus de publicações no Instagram de duas renomadas organizações ativistas ambientais, as ONG *Fridays for Future* e *Greta Thunberg*, com o objetivo de identificar novas representações metafóricas no ativismo climático juvenil multimodal, a par de outros aspetos sociais envolvidos nesta retórica, tais como o discurso contra a colonização, a pobreza, a discriminação, o racismo, a desigualdade de classes, a injustiça climática, entre outros.

O objetivo de Luís Fernando Salema e Conceição Carapinha, no artigo “*Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada*” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLN, é analisar, de uma perspectiva pragmática, o ato ilocutório de censura em alunos de PLN, num contexto formal e assimétrico. A partir de um conjunto de produções orais de alunos de nível B1, a análise identifica as formulações diretas e indiretas do ato de censura bem como as fórmulas semânticas e as estratégias de modificação utilizadas, apresentando, por fim, uma proposta para a estrutura prototípica do complexo ilocutório produzido. Os resultados apontam para um continuum entre os atos de censura e de pedido e para a existência

de duas áreas críticas, uma relativa à utilização errônea das formas de tratamento, e outra, à utilização concomitante de estratégias atenuadoras e intensificadoras.

Vânia Rosana Mattos Sambrana dedica a sua atenção, no artigo *A construção marcadora discursiva de visualização virtual e seu estatuto categorial*, à descrição do estatuto categorial da construção marcadora discursiva de visualização virtual, que sendo considerada como unidade gramatical da língua pertencente a uma categoria pragmática desempenha sentidos procedimentais, criados a partir da manipulação do espaço da atenção, como em “olha...eu pensei que fosse morrer” ou “Vê lá, Júlia, o artigo é pra hoje”, entre outros. O trabalho aborda aspectos morfossintáticos e funcionais desta construção, concebendo-a como uma subclasse de marcadores discursivos, que desempenha funções textual-interativas e discursivo-pragmáticas.

Mára Rubio Trigo, em *A construção da imagem do funcionário público brasileiro: uma análise crítico-discursiva de artigos de opinião do jornal Gazeta do Povo*, debruça-se sobre dois artigos de opinião publicados na *Gazeta do Povo*, em 2017 e 2020, no sentido de avaliar como as escolhas lexicais, as metáforas, a componente semântica do léxico e outros recursos imagéticos constroem a imagem discursiva dos funcionários públicos brasileiros. Baseado nos pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso, na sua linha sociocognitiva (Van Dijk, 2018), o estudo demonstra que a natureza difamatória e estereotipada dos artigos faz emergir um consenso, predominantemente negativo, a respeito do funcionário público.

Isabela Rodrigues Vieira e Paulo Ramos, num enquadramento da Análise do Discurso de linha francesa, expõem, em *Discurso bolsonarista ou nazista? A materialidade discursiva em charges*, a forma como certas charges utilizaram o recurso da linguagem não-verbal, através do símbolo da suástica, para associar o discurso nazista ao governo Bolsonaro. Com base em três charges, publicadas entre janeiro e maio de 2020, pertencentes à mesma Formação Ideológica e constituídas por formações discursivas semelhantes, os autores estudaram a forma como estas associações foram discursivamente construídas.

Assim, com recurso a quadros teóricos e metodologias de análise diversificados, os trabalhos publicados neste número da revista REDIS contribuem com resultados relevantes para a área dos Estudos do Discurso.

Alexandra Pinto

REDIS – Revista de Estudos do Discurso

Centro de Linguística da Universidade do Porto

Número 11, 2022